



AS MULHERES MARISQUEIRAS E MANGABEIRAS: UMA EXPERIÊNCIA DO LITORAL SUL DE SERGIPE

*SHELLFISH AND MANGABA CATCHER WOMEN: THE EXPERIENCE OF THE SOUTH
COAST OF SERGIPE*

Luciano Guimarães de Andrade (1)

Caio Augusto Amorim Maciel (2)

Emilio Tarlis Mendes Pontes (3)

Conflitos de interesses, filiação institucional e responsabilidades

Os autores declaram não haver interesses conflitantes.

Afiliações Institucionais são informadas pelo(s) autor(es) e de inteira responsabilidade do(s) informante(s). O(s) autor(es) é(são) responsável(is) por todo o conteúdo do artigo, incluindo todo tipo de ilustrações e dados.

Recebido em: dez./2020

Aceito em: jun./2021

(1) Doutorando do Programa de Pós – Graduação em Geografia - (PPGEO/UFPE), luciano_guimaraes_123@hotmail.com

(2) Professor Adjunto do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, camorim3@terra.com.br

(3) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, tarlispontes@gmail.com



Resumo

As comunidades de Porto do Mato, Ribuleirinha e Manoel Dias, no município de Estância/SE, desenvolvem tradicionalmente a atividade extrativista em áreas de restingas e manguezais, cujo modo de vida está assentado em práticas que envolvem predominantemente a catação de mangaba e a pesca do marisco. Nesta perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo principal compreender o papel das mulheres marisqueiras e mangabeiras em comunidades costeiras de Sergipe, suas relações com o meio e os principais desafios uma vez que estas se encontram em constantes ameaças impostas pelos vetores do capital, que comprometem diretamente a existência da atividade extrativista e integridade da comunidade tradicional. Tratando-se de um estudo de caso, a pesquisa reúne como ferramentas metodológicas à pesquisa bibliográfica e documental, além da observação direta. Os resultados demonstram que o avanço dos grandes empreendimentos imobiliários promoveu fortes transformações no contexto paisagístico local. Tal mudança também gerou impactos negativos em relação ao meio ambiente, provocando uma grande pressão sobre o ecossistema de manguezal da localidade, o que afeta diretamente a pesca do marisco. Dessa forma, a inserção de novas atividades em qualquer um desses ambientes pode interferir no desenvolvimento da pesca artesanal, constitui-se enquanto ameaças a existência e preservação desses territórios.

Palavras-chave

Marisqueiras. Mangabeiras. Estância. Sergipe.

Abstract

The communities of Porto do Mato, Ribuleirinha and Manoel Dias, in the municipality of Estância / SE, traditionally develop extractive activities in areas of restingas and mangroves, whose way of life is based on practices that predominantly involve mangaba harvesting and shellfish fishing. In this perspective, the present work has as main objective to understand the role of shellfish and mangaba catcher women in coastal communities of Sergipe, their relations with the environment and the main challenges since they are in constant threats imposed by the vectors of capital, which compromise directly the existence of extractive activities and the integrity of the traditional community. As a case study, the research gathers bibliographic and documentary research as methodological tools, in addition to direct observation. The results show that the advance of large real estate projects promoted strong changes in the local landscape context. This change also generated negative impacts in relation to the environment, causing a great pressure on the local mangrove ecosystem, which directly affects shellfish fishing. Thus, the insertion of new activities in any of these environments, which may interfere with the development of artisanal fishing, constitutes threats to the existence and preservation of these territories.

Keywords:

Shellfish. Mangaba. Estância. Sergipe.

Resumen

Las comunidades de Porto do Mato, Ribuleirinha y Manoel Dias, en el municipio de Estância/SE, tradicionalmente desarrollan actividades extractivas en áreas de restingas y manglares, cuya forma de vida se basa en prácticas que involucran predominantemente la recolección de mangaba y la pesca de mariscos. En esta perspectiva, el objetivo principal de este trabajo es comprender el papel de las mujeres mariscadoras y recolectoras de mangaba en las comunidades costeras de Sergipe, sus relaciones con el medio ambiente y los principales desafíos, ya que se encuentran bajo las constantes amenazas impuestas por los vectores del capital, que comprometen directamente la existencia de actividad extractiva y la integridad de la comunidad tradicional. Al tratarse de un estudio de caso, la investigación combina la investigación bibliográfica y documental como herramientas metodológicas, además de la observación directa. Los resultados muestran que la evolución de dos grandes proyectos inmobiliarios impulsó fuertes transformaciones en el contexto del paisaje local. Este cambio también generó impactos negativos con respecto al medio ambiente, causando una gran presión sobre el ecosistema de manglares local, lo que afecta directamente la pesca de mariscos. De este modo, la inclusión de nuevas actividades en cualquiera de estos entornos puede interferir con el desarrollo de la pesca artesanal, mientras constituye amenaza para la existencia y preservación de estos territorios.

Palabras clave:

Mariscadoras. Recolectoras de mangaba. Estância. Sergipe.



Introdução

*A mariscagem é tudo para mim,
ela sustentou minha vida.
(Dona Bezita)*

Dona Bezita, líder comunitária, é uma mulher de múltiplos saberes. Previamente, anunciava que a nossa trajetória nas comunidades costeiras do litoral sul de Sergipe seria contemplada por valores simbólicos que extrapolavam nossas expectativas. Sua afirmação é reflexo de um processo de construção do conhecimento, de lutas, desafios e conquistas, de experiências, saberes e descobertas, características de seu povo e sua história.

As comunidades de Porto do Mato, Ribuleirinha e Manoel Dias, no município de Estância/SE, desenvolvem tradicionalmente a atividade extrativista em áreas de restingas e manguezais, cujo modo de vida está assentado em práticas que envolvem predominantemente a catação de mangaba e a pesca do marisco.

Este contexto serve de plataforma para a vida de centenas de famílias que aproveitam o extenso litoral brasileiro como alternativa para o desenvolvimento de atividades socioeconômicas. Desta forma, quando o espaço natural se torna sociabilizado por esses indivíduos, ganha tons e formas diversificadas, transformando o lugar habitado em objeto de manifestação das subjetividades, da construção social de significados e da assimilação de práticas, princípios e valores que passam a constituir um conjunto de costumes que caracterizam uma comunidade (CAETANO, 2015).

Esta descrição, apesar de parecer uma característica marcante na origem da formação de comunidades onde o saber é hereditário, repercute na conservação dos recursos naturais, ao mesmo tempo em que garantem a sua sobrevivência. Essas populações consolidaram conhecimentos sobre como atuar sobre o meio, quais seus limites e potenciais, tudo isso, de maneira sustentável.

Diante disto, Diegues (1996) afirma que a relação das comunidades tradicionais com a natureza apresenta uma série de normas e critérios de uso da terra, água, florestas, extração e plantio, desenvolvido no contexto sociocultural que tem como base a solidariedade e a partilha.

Nesta perspectiva, o presente trabalho tem por objetivo principal compreender a dinâmica local, analisando principalmente o papel das mulheres marisqueiras e mangabeiras em comunidades costeiras de Sergipe, suas relações com o meio e os principais desafios, uma vez que estes se encontram em constantes ameaças impostas pelos vetores do capital, que



comprometem diretamente a existência da atividade extrativista e a integridade da comunidade tradicional.

O recorte espacial para a execução desta pesquisa incluiu as comunidades de Porto do Mato, Ribuleirinha e Manoel Dias, no município de Estância/SE. O trabalho de campo foi desenvolvido a partir da disciplina Sociedade e Natureza, Interação Cultura-Natureza e Perspectiva da Agroecologia, através do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco.

Os procedimentos operacionais desta pesquisa foram trilhados a partir do emprego das seguintes metodologias: levantamento bibliográfico e pesquisa de campo (observação, registro fotográfico e entrevistas) enfatizando os processos inerentes ao trabalho das mulheres extrativistas.

O estudo está dividido basicamente em três seções, além desta introdução. A primeira parte apresenta um panorama geral acerca das características geoambientais da área estudada, a segunda seção traça os caminhos metodológicos adotados por esta pesquisa, a terceira parte aborda os resultados obtidos e a quarta seção constitui as considerações finais que enaltece uma compreensão geral do objeto estudado.

Caracterização do estudo

As comunidades de Porto do Mato, Ribuleirinha e Manoel Dias estão situadas no município de Estância (Figura 01), no litoral sul do estado de Sergipe. Estância limita-se a sul com os municípios de Santa Luzia do Itanhy e Indiaroba, a sudoeste com Arauá, a oeste com Salgado, e a norte-nordeste com Itaporanga D'Ajuda. A área municipal abrange 649,6 km² e o acesso se dá a partir de Aracaju, através das rodovias BR-235 e BR-101, em um percurso de 68 km. O município foi criado pela Lei Provincial de 04/05/1848 (CPRM, 2002).

De acordo com o IBGE (2018), o município de Estância tem aproximadamente 68.804 habitantes, cuja base econômica está associada ao extrativismo, com predominância para acatuação de mangaba e a pesca do marisco. Além dessas atividades, a agricultura e o turismo também ocupam lugar de destaque na economia local.

O município de Estância/SE tem como principal unidade geomorfológica a planície costeira, caracterizada pelas suas formas planas e baixas, assim como, os tabuleiros costeiros, também presentes na área de estudo. No que tange a hidrografia, a área estudada é banhada pelas as bacias dos rios Piauí e Real. Entre os seus principais afluentes, destaca-se o rio Piautinga (do qual o povoado Porto do Mato faz parte).

Figura 01 – Localização geográfica do município de Estância – SE



Fonte: Elaborado por Marcelo Alves dos Santos, 2011

O tipo climático é litorâneo quente úmido a sub-úmido, temperatura média anual de 24,9°C, com precipitação média anual de 1.400 mm e período chuvoso de março a agosto. A temperatura se mantém elevada em torno de 25 °C, e pouco varia ao longo dos meses, sendo uma consequência da maritimidade (CPRM, 2002). Como consequência do clima, do solo arenoso e da localização da área no curso inferior de rios, a vegetação predominante é composta por manguezais, bem como restingas, de porte herbáceo por influência da brisa marítima que impede o desenvolvimento de arbustos e árvores (GOMES, 2007).

Este ecossistema é de fundamental importância para as comunidades locais, incluindo o povoado Porto do Mato, Ribuleirinha e Manoel Dias, pois muitas famílias utilizam desse ambiente para sobreviver através da pesca, principalmente do Aratú.



Procedimentos metodológicos

Fruto de um laboratório de campo, este trabalho utilizou como base o método de estudo de caso. A realização desta pesquisa adotou as características metodológicas da pesquisa qualitativa que permite segundo Goldenberg (1999), o tratamento das subjetividades e particularidades dos fenômenos sociais estudados por meio do contato direto com o ambiente e dos agentes investigados.

A pesquisa bibliográfica em literaturas acerca da temática em questão constituiu outra técnica de obtenção de informação importante ao desenvolvimento da pesquisa. Com base nisso, esta pesquisa foi subsidiada pela bibliografia oferecida pela disciplina Relações Sociedade e Natureza, Interação Cultura-Natureza e Perspectiva da Agroecologia, através do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGEO/UFPE), ministrada pela Dr^a. Mônica Cox de Brito Pereira, no segundo semestre de 2018.

O laboratório de campo foi realizado entre os dias 12 e 15 de dezembro de 2018, conforme Quadro 01. O acompanhamento dos fatos faz da observação direta um instrumento indispensável a obtenção de informações.

Neste sentido, a pesquisa foi viabilizada a partir da observação e vivência da realidade local, da observação e aprendizado com as comunidades, bem como observação da diversidade dos ecossistemas e do território, da diversidade do espaço geográfico, da memória e história dos sujeitos.

O referido procedimento permitiu o contato direto com a comunidade, e além disso, proporcionou o reconhecimento do território através de conversas informais e entrevistas com mulheres representantes das comunidades.

Assim, serão estes os elementos norteadores desta pesquisa. O emprego dos mesmos deve-se ao fato de que quando articulados, constituem as ferramentas mais adequadas para alcançar os objetivos aqui suscitados, considerando tanto os pressupostos teóricos quanto os que conduzem a captar os aspectos da realidade que envolvem o objeto estudado.

Quadro 01 – Roteiro detalhado do estudo de campo

12/12 – QUARTA-FEIRA	13/12 – QUINTA -FEIRA	14/12 – SEXTA -FEIRA	15/12 – SÁBADO
13h - Saída do Recife	09h - Visita ao Programa de Educação Ambiental de Comunidades Costeiras Local: UFS-Campus São Cristóvão (auditório do NUPEG) 11h30min - Saída para Estância	8h Percurso de barco pelas áreas de manguezais da Comunidade Porto do Mato 12h - Almoço na Comunidade Porto do Mato-Estância	8h - Percurso pelo território da Resex Extrativista Sul (Resex Marinho-Costeira) e conversa com a Organização das Mulheres Mangabeiras Local: Comunidade Manoel Dias-Estância 11h30min - Almoço na Comunidade
23h - Chegada em Aracajú/SE (pernoite)	13h - Almoço na Comunidade Porto do Mato-Estância 14h - Conversa com o Movimento de Mulheres Marisqueiras Local: Comunidade Porto do Mato-Estância 19h - jantar Atividade - Roda de conversa, trocas, reflexão e socialização da vivência entre o grupo Pernoite na comunidade Porto do Mato-Estância	14h - Conversa com lideranças do Movimento de Catadoras de Mangaba Local: Comunidade Ribuleirinha -Estância 19h - Jantar Atividade - Roda de conversa, trocas, reflexão e socialização da vivência entre o grupo Pernoite na Comunidade Porto do Mato-Estância	12h - Retorno a Recife

Fonte: Elaborada por Mônica Cox, 2018

Resultados e discussão

Instrumento fundamental para a concretização dos objetivos propostos, a pesquisa de campo, foi utilizada como guia de apresentação dos resultados e discussão do presente estudo. Neste sentido, considera-se como estratégia introdutória, o encontro realizado na Universidade Federal de Sergipe, através do Programa de Educação Ambiental de Comunidades Costeiras (PEAC/UFS). O PEAC é uma ação de mitigação exigida pelo licenciamento ambiental do



Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais, através da Universidade Federal de Sergipe (UFS) sob responsabilidade da Petrobras.

Executado pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) através de um convênio, o PEAC atua na bacia Sergipe/Alagoas e realiza atualmente quatro projetos: Conselho Gestor, Observatório Social dos *Royalties*, Organização e Fortalecimento Sociopolítico das Marisqueiras no Litoral de Sergipe e a Pesquisa.

A visita deliberou ainda um debate acerca das atividades realizadas pelo PEAC, com breve apresentação de sua dimensão e resultados. As orientações tiveram como base metodológica o diálogo, a observação dos conflitos territoriais existentes, problematizando o direito ao uso da natureza, enquanto um bem comum, frente a forte especulação imobiliária que afeta diretamente o ambiente costeiro, foco desta produção.

Na ocasião, o professor Eraldo Ramos, pesquisador da Universidade Federal de Sergipe, afirmou que “os vetores do capital tentam suprimir a natureza, transformando-a em produto, implicando em sérios riscos a ancestralidade dos povos tradicionais”.

O segundo momento foi marcado pela apresentação do Movimento das Marisqueiras de Sergipe (MMS). A ocasião proporcionou um diálogo com as lideranças locais com destaque para as mulheres marisqueiras, oportunidade em que evidenciaram as principais demandas e lutas do grupo nos seus anos de construção em Sergipe.

Uma questão bastante abordada foi à condição do trabalho feminino na pesca artesanal, seus direitos e dificuldades enfrentadas na atividade. Estas mulheres têm nos mangues costeiros (Figura 2) o seu espaço de trabalho e fonte de subsistência. A mariscagem trata-se de uma atividade predominantemente feminina e se caracteriza por uma pesca de baixo impacto ambiental realizada através de instrumentos rudimentares, muitas vezes confeccionados pelas próprias marisqueiras.

Para Diegues (1999), essas sociedades desenvolveram formas particulares de manejo dos recursos naturais que não visam diretamente o lucro, mas a reprodução cultural e social, como também percepções e representações em relação ao mundo natural, marcadas pela ideia de associação com a natureza e dependência de seus ciclos.

Nessa perspectiva, culturas tradicionais são aquelas que se desenvolvem por meio da pequena produção, onde se distinguem daquelas associadas ao modo de produção capitalista em que não só a força de trabalho se transforma em objeto de compra e venda, mas também a própria natureza (DIEGUES, 1999). No que concerne a esta questão, torna-se relevante afirmar que na área estudada verifica-se a presença de planícies e tabuleiros costeiros e manguezais, o que promove uma abundância de recursos pesqueiros, assim como, uma grande área de restinga

arbórea, dunas e mata ciliar, recurso fundamental para as diversas comunidades tradicionais que habitam o referido espaço.

Esta variedade de atrativos naturais ocasionou processos de ocupação e usos múltiplos, em uma visão mercadológica da natureza que comprometem tanto o equilíbrio ambiental quanto o quadro socioeconômico (SANTOS; VILLAR, 2012).

Por esta razão, nos últimos anos as comunidades pesqueiras tradicionais vêm sofrendo uma série de impactos negativos (crescimento populacional desordenado, turismo insustentável, especulação imobiliária e exploração intensiva dos recursos dentro de uma lógica da geração de riquezas e do consumo demasiado) que provocam a transformação do ambiente de forma a emergir conflitos no desenvolvimento da atividade, pois os recursos se tornam escassos (SANTOS *et al.*, 2012).

Figura 02 – Condomínio residencial em área de restinga (Estância/SE)



Fonte: Luciano Guimarães, 2018

Neste sentido, a especulação imobiliária aparece como principal agente mobilizador de apropriação dos territórios. Na escala delimitada pelo estudo de campo, observa-se a expansão da construção civil (hotéis, pousadas e condomínios residenciais), ocupações de terra e cercamento das áreas.

O avanço dos grandes empreendimentos imobiliários promoveu fortes transformações no contexto paisagístico local. Tal mudança também gerou impactos negativos em relação ao meio ambiente, provocando uma grande pressão sobre o ecossistema de manguezal da localidade, o que afeta diretamente a pesca do marisco. Dessa forma, a inserção de novas



atividades em qualquer um desses ambientes podem interferir no desenvolvimento da pesca artesanal, constituindo-se assim como ameaças a existência e preservação desses territórios.

Concomitantemente a esta análise buscando observar e registrar os aspectos em torno de conflitos socioambientais e projetos desenvolvidos no território foi feita uma análise espacial das áreas de mangue, através de um percurso de barco. Esta atividade serviu com experimento para uma análise socioambiental no que diz respeito as áreas de mangue da comunidade de Porto do Mato.

No roteiro foi possível observar que as áreas encontram-se fortemente antropizadas, colocando em risco o equilíbrio do ambiente. Dentre as razões que explicam os impactos ambientais mencionados, destaca-se: a expansão imobiliária, a carcinicultura (criação de camarões) e as atividades turísticas, que representam as principais ações causadoras de danos nas áreas de manguezais.

De acordo com a marisqueira Cátia Regina dos Santos, o manguezal guarda uma grande diversidade de mariscos e peixes. “A gente bate nas folhas dos manguezais e depois a gente pega o aratu com a vara e bota no balde. Quando chega do mangue a gente cozinha e vai quebrar o aratu, bota numa bolsa de quilo e passa a vender nas feiras e para os atravessadores”, destacou Cátia, uma das representantes do Movimento das Mulheres Marisqueiras.

O manguezal está fortemente associado ao modo de vida dessa população, abrigando tradições, traços culturais, sua história e fonte de renda. Neste sentido, torna-se imprescindível promover um modelo de desenvolvimento sustentável, devendo, portanto, preservar os recursos naturais e as populações locais.

Nas comunidades envolvidas na pesquisa existem também muitas mangabeiras. Desta forma, também foi realizado uma imersão no território a fim de produzir observações acerca de sua relevância socioeconômica para a população local, assim como, analisar o seu contexto ambiental.

Nesta perspectiva, é importante ressaltar que a mangabeira ocorre nos tabuleiros costeiros, baixada litorânea e cerrados do Brasil, sendo seus frutos de grande importância para a produção de sucos, polpas congeladas, doces e sorvetes (RODRIGUES *et al.*, 2012).

Entretanto, apesar da importância socioeconômica da espécie para Sergipe, as áreas onde há ocorrência natural das mangabeiras estão sofrendo intensa pressão, e de acordo com as mulheres catadoras, decorre dentre outros fatores da produção de eucalipto, pelo fato do plantio exigir grandes extensões de terras, fato que impõe o corte das mangabeiras e conseqüentemente, sua produção (Figura 03).

Figura 03 – Plantação de eucalipto no município de Estância/SE



Fonte: Luciano Guimarães, 2018

Outra razão considerada para a redução das áreas de mangabeiras está associada ao aumento da especulação imobiliária que intensificou o processo de demarcação de terras com implantação de cercas e construção de condomínios, hotéis e casas de veraneio (Figura 4), dificultando assim o acesso das catadoras extrativistas.

Conforme Katiane, integrante do Movimento das Catadoras de Mangaba da comunidade de Manoel Dias “com a construção desses condomínios as mangabas estão diminuindo. Só tem mangaba quem tem no quintal ou no sítio”. Assim, o avanço dos condomínios representa uma grande ameaça às mangabeiras, afetando diretamente as comunidades locais, pois dependem da catação de mangaba para complementar sua renda.

A catação de mangaba é predominantemente realizada por mulheres que frequentemente precisam percorrer longas distâncias para coletar os frutos. Por isso, quando a conservação do extrativismo da mangaba é abordada, deve-se levar em consideração a manutenção dos modos de vidas dessas mulheres que organizam seu tempo de trabalho não apenas entre as diferentes atividades de coleta, mas também com a agricultura e a pesca (RODRIGUES *et al.*, 2017).

As catadoras de mangaba dominam práticas e saberes que possibilitaram ao longo do tempo a sobrevivência de suas famílias e a conservação dos produtos do extrativismo vegetal (mangaba e outras frutas, palhas de palmeiras etc.) e animal (peixes, mariscos, crustáceos).

Neste sentido, a conservação dos recursos naturais e o modo de vida das localidades de catadoras de mangaba do Estado de Sergipe implicam na manutenção da diversidade ambiental e cultural de diferentes atores, uma vez que essas mulheres são responsáveis pela maior parte

dos frutos que são consumidos em forma de alimento por quase toda a população sergipana e de outros estados do Nordeste (RODRIGUES *et al.*, 2017).

Figura 04 – Construção de condomínios em áreas de mangabeiras



Fonte: Luciano Guimarães, 2018

A safra da mangaba acontece entre os meses de novembro a julho e sua colheita é realizada predominantemente por mulheres, com auxílio de ferramentas artesanais. Conforme relato das catadoras é possível processar muitos derivados a partir da mangaba (trufa, geléia, licor, brigadeiro, cocada, polpa, bala, sorvete, polpa, bolo e biscoito) (Figura 05). Esses produtos são comercializados nas feiras livres e pontos comerciais as margens da estrada. No entanto, a venda do fruto pode acontecer ainda no campo, entre os donos de terra, catadoras de mangaba e atravessadores.

Este avanço está relacionado ao “Projeto Catadoras de Mangaba, Gerando Renda e Tecendo Vida em Sergipe”. Fomentado pela Petrobras em parceria com a Universidade Federal de Sergipe e Movimento das Mulheres Mangabeiras, o projeto contribui fundamentalmente para a difusão de práticas de agroecologia e tecnologia social.

Através do referido projeto, as catadoras receberam técnicas de aperfeiçoamento da produção (Figura 06) e de qualidade dos produtos. Além disso, foram construídas unidades de beneficiamento da mangaba, o que vem gerando renda e melhorando as condições de vida das mulheres extrativistas.

Figura 5 – Derivados da mangaba, em Estância/SE



Fonte: Catadoras de Mangaba de Ribulerinha, 2018

Figura 06 – Unidade de processamento e comercialização - Estância/SE



Fonte: Luciano Guimarães, 2018



Esta ação impulsionou a produção e agregou valor ao extrativismo da mangaba, e serve ainda como referencial de mobilização e organização das mulheres. De acordo com estudo realizado por Rodrigues *et al.* (2017) o extrativismo da mangaba é uma das principais fontes de renda das comunidades. Em ordem de importância é a primeira fonte de renda para 38,89% das localidades de catadoras de mangaba do Estado de Sergipe.

Nos últimos anos, as catadoras de mangaba passaram a ter visibilidade das suas práticas extrativistas. Este novo cenário teve contribuições resultantes de instituições de pesquisas envolvendo as catadoras de mangaba e também é resultado da auto-organização deste segmento de comunidade tradicional. As conquistas tem origem na organização das mulheres extrativistas da mangaba e se destacam pela defesa das áreas territoriais nativas de mangabeiras, fonte de renda e reprodução de conhecimentos singulares fruto da interdependência com o meio ambiente.

Neste sentido, Castro (2000) infere que o território é o espaço ao qual um certo grupo garante aos seus membros direitos estáveis de acesso, de uso e de controle dos recursos e sua disponibilidade no tempo, constituindo o conjunto de recursos que se deseja e se sente capaz de explorar sob condições tecnológicas dadas. Ainda de acordo com Castro “o que está em jogo é a defesa do direito de continuar mantendo uma conexão vital entre a produção de alimentos e a terra, e é impossível proteger a diversidade biológica sem proteger a sociodiversidade que a produz e conserva”.

Desta forma, existem representações simbólicas e míticas que perpassam as diferentes formas de organizar o trabalho, cada uma delas defronta-se com as capacidades e os limites dos saberes e dos interesses de cada grupo, de suas formas de agir sobre o território. A natureza apresenta-se imediatamente ao conhecimento desses grupos como um lugar de permanente observação, pesquisa e reprodução de saberes (CASTRO, 2000).

Nas comunidades de Porto do Mato, Ribuleirinha e Manoel Dias esta relação é intensa e comprovada. Os saberes tradicionais estão intimamente ligados ao seu território e sua ancestralidade que se reproduz com o tempo. O território é uma plataforma que sustenta centenas de famílias através das suas propriedades, de seu conjunto de valores naturais e sociais.

Considerações finais

Esta pesquisa demonstrou que nas comunidades de Porto do Mato, Ribuleirinha e Manoel Dias, as atividades relacionadas a mariscagem e a catação de mangaba constituem



relevante alternativa de geração de emprego e renda para as mulheres extrativistas e suas famílias.

Além disso, observou-se que tais atividades contam com a participação predominante de mulheres que mantém uma relação interdependente com os recursos naturais, promovendo e preservando a biodiversidade, sendo essencial para fortalecer o reconhecimento de seus valores e de sua autonomia/cidadania.

A experiência das mulheres investigadas com a produção extrativista também possibilitou um diálogo com as populações do território, reforçando a importância socioeconômica e cultural das atividades, mostrando que o sucesso desses processos depende da manutenção do ambiente costeiro.

As mulheres através de organizações sociais defendem seu modo de vida e suas tradições, e persistem no que se refere ao enfrentamento da degradação socioambiental que afeta seu território, que se apresenta como um avanço dos vetores do capital que incluem construções de condomínios, plantação de eucalipto, criação de camarões e turismo em grande escala, que exercem forte pressão sobre as restingas e os manguezais.

Desta forma, há de se compreender que o trabalho das mulheres extrativistas (na mariscagem e na catação de mangaba) surge como uma prática sustentável que preserva o meio ambiente e reproduz os saberes da cultura tradicional. Do mesmo modo, consideramos importante refletir sobre as dificuldades que essas mulheres enfrentam na execução dessas atividades, seja de ordem política, social, cultural ou ambiental e com base nesta condição reafirmar a necessidade de políticas públicas que possam não só melhorar o trabalho das mulheres extrativistas, mas contribuir com a valorização do seu saber e de sua história.

REFERÊNCIAS

BOMFIM, Luiz Fernando Costa; COSTA, Ivaldo Vieira Gomes da; BENVENUTI, Sara Maria Pinotti (Org.). **Projeto Cadastro da Infraestrutura Hídrica do Nordeste: Estado de Sergipe. Diagnóstico do Município de Estância**. Aracaju: CPRM, 2002.

CAETANO, Hugo Silva. Da ocupação do território: práticas e interações entre marisqueiras no ambiente pesqueiro. **Revista Gestão e Sustentabilidade Ambiental**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 204–222, 2014.

CASTRO, Edna. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: DIEGUES, A. C. (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec-NUPAUB, 2000. p. 165-182.

DIEGUES, Antônio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec-NUPAUB, 2008.



DIEGUES, Antônio Carlos. Repensando e recriando as formas de apropriação comum dos espaços e recursos naturais. In: VIEIRA, P. F.; WEBER, J. (Org.). **Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez Editora, 1996. p. x-xx.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, Roseane Cristina Santos. Caracterização Geoambiental do Povoado Porto do Mato Estância/SE: Uma Análise do Lugar, **Scientia Plena**, v. 3, n. 5, p. 107-116, 2007.

RODRIGUES, Raquel Fernandes de Araújo; SILVA JÚNIOR, Josué Francisco da; MOTA, Dalva Maria da; PEREIRA, Emanuel Oliveira; SCHMITZ, Heribert. **Mapa do extrativismo da mangaba em Sergipe: situação atual e perspectivas**. Brasília: Embrapa, 2017.

SANTOS, Marcelo Alves dos. **Análise Geoambiental do município costeiro de Estância – Sergipe**. 2011. 145 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

SANTOS, Carla Norma Correia dos; VILAR, José Wellington Carvalho. O litoral sul de Sergipe: contribuição ao planejamento ambiental e territorial. **Revista Geonorte**, Manaus, v. 3, n. 4, p. 1128-1138, 2012.

SANTOS, Eline Almeida; ARAGÃO, Miria Cássia Oliveira; SOUZA, Rosemeri Melo e. Tecendo as redes entre natureza e sociedade: os desafios das mulheres pescadoras em Sergipe. **Revista Fronteiras - Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v. 1, n. 1, p. 05-25, 2012.